

A. Rocha Martins

BRILHANDO
AO SOL DA JUSTIÇA

(EVOCAÇÃO BREVE DE UM POETA)

—1965—



B)
21.134.3-1Bocage.
MAR

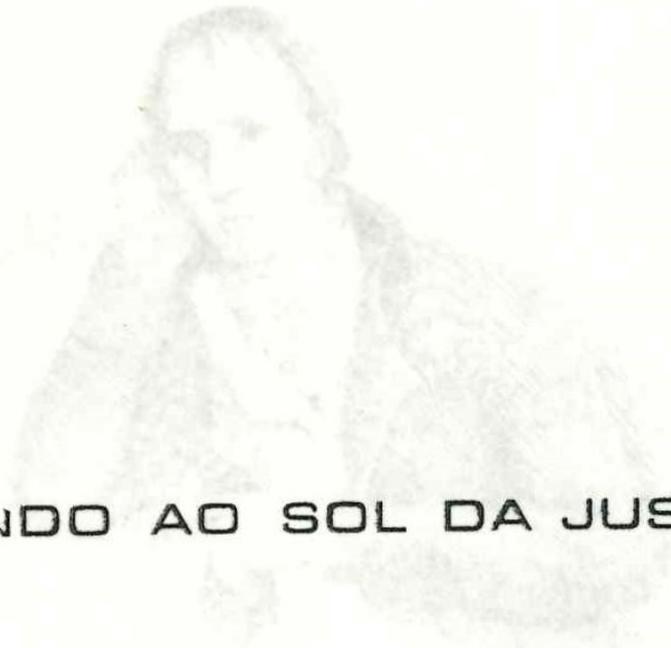
C. M. S.
BIBLIOTECA



Padre Alberto da Rocha Martins, escritor, orador e jornalista, nasceu em Semelhe, Braga, em 1917.

Estudou no Seminário de Braga, onde se evidenciou um aluno distinto.

Revelou, desde muito novo, grande aptidão para as letras, colaborando na Imprensa com variados artigos, poesia, crítica literária, e foi Director do «Jornal de Barcelos» e colaborador de vários órgãos da Imprensa. É ora-

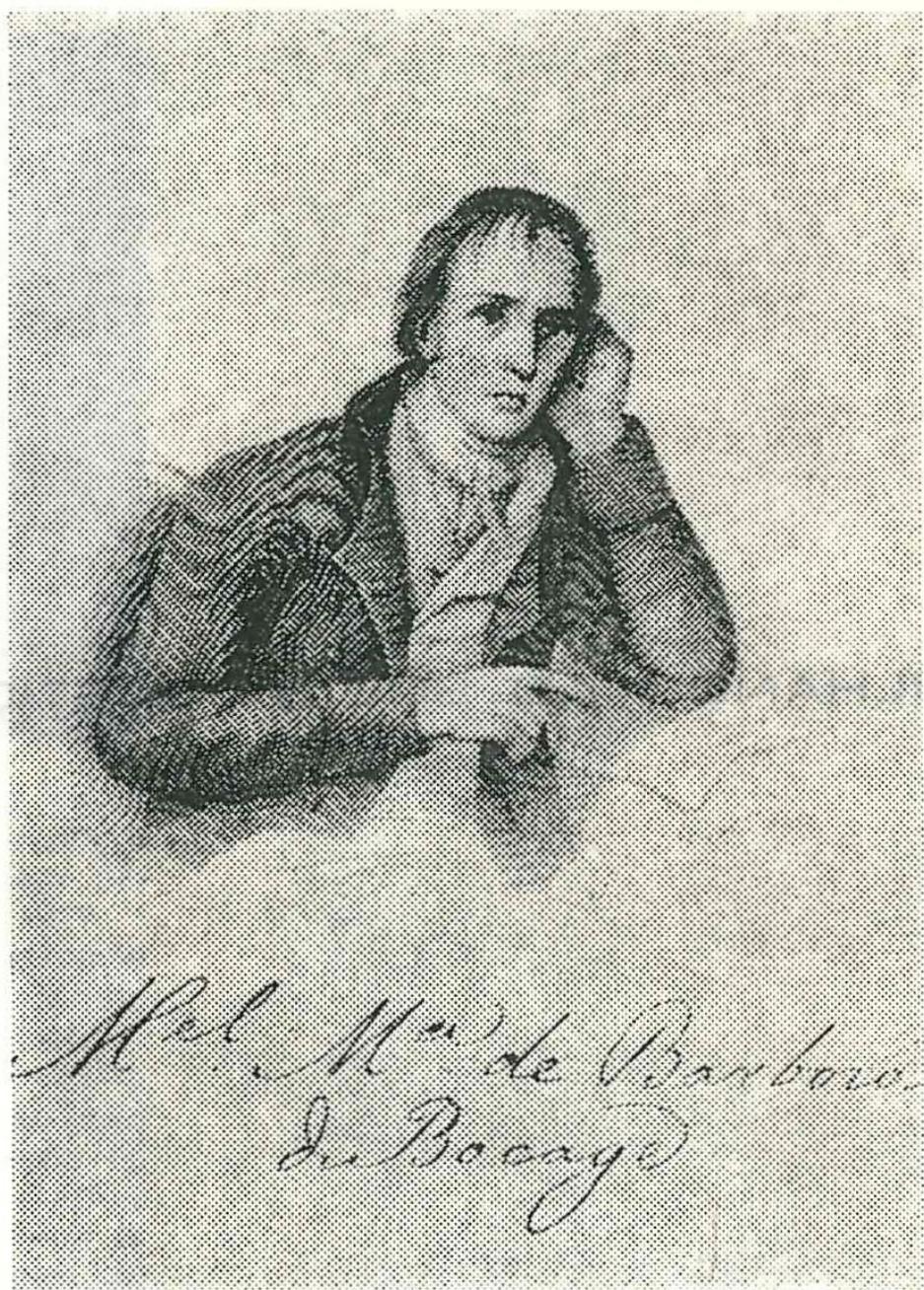


BRILHANDO AO SOL DA JUSTIÇA

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
10566

Penner

Barceliana



Mel. Ma de Barbora
du Bocayo

M.
BIBLIOTECA
MAGALHÃES

A. Rocha Martins

BRILHANDO

AO SOL DA JUSTIÇA

(EVOCAÇÃO BREVE DE UM POETA)

—1965—



A Rocha Martins

BRILHANDO
O SOL DA JUSTIÇA
EVOCACÃO BREVE DE UM POETA

Composto e impresso
nas oficinas do Diário
do Minho L.^{da} — Braga

1922

C. M.
BARCELON
BIBLIOTECA

NOTA BREVE

O escritor Gomes Monteiro deu a um dos seus trabalhos literários — valiosíssimo, por sinal, — o título sugestivo de *BOCAGE* — *Esse Desconhecido*, e, na nota que antecede a 2.^a edição escreveu: «O mais lamentável é que Setúbal, terra natal do Poeta, ainda não tivesse sabido honrar condignamente a memória do mais ilustre dos seus filhos».

Este desabafo amargo de Gomes Monteiro deixou, neste ano comemorativo do bi-centenário do nascimento de Bocage, de ter razão. Com efeito, a donairoza cidade do Sado realiza, com o maior esplendor, a data memorável do nascimento do Poeta e assinala-a para sempre em monumentos imorredouros: os da escrita e os de pedra. Bocage ficará sempre presente no espírito dos que o lerem ou tive-

rem a oportunidade de ler os trabalhos à volta da sua multifacetada personalidade. Ainda o recordarão porque, em Setúbal, majestosa e solene, fica a estátua consagradora do amargurado vate português.

Quanto se escrever neste ano sobre Bocage, repetindo ideias e afirmações, trazendo novos elementos esclarecedores da sua rica personalidade, fornecendo pormenores da sua biografia, tudo será anúncio e afirmação da estima e do apreço em que é tido por todos os portugueses. O poeta desconhecido como lhe chamou Gomes Monteiro, o poeta deturpado por tantos, o poeta unicamente chocarreiro da visão popular, há-de emergir em todo o seu esplendor e brilhará claramente diante dos portugueses. Deixará, por isso, de ser melancolicamente o «desconhecido».

Fica bem aqui, sem intençõeslouvaminheiras, até porque não conheço as pessoas, um caloroso louvor a quem promoveu e realizou semelhantes comemorações. O espírito, ainda paira sobre os absorventes materialismos da hora presente. Bem hajam os que curam, ainda, de valores morais, intelectuais e espirituais. Bocage bem merece esta consagração!

O que vamos escrever, sem intuitos críticos nem reveladores de novas facetas, é tão-sòmente uma visão rápida de quem não quis, por imperativo da consciência, deixar a efeméride sem o calor sincero da sua voz e da sua palavra.

AO SOL DA JUSTIÇA...

Vale bem a Pena, nesta feira já longa e feracíssima das Letras, debruçarmo-nos, ainda que superficialmente, sobre a figura ímpar de Bocage. É, sem dúvida, o maior poeta do seu século, e, do mesmo modo, um dos mais gloriosos da Literatura Portuguesa.

A sua vida, que tão profundamente dominou o seu estro, anda marcada de sofrimentos e incompreensões, que têm sua origem, possivelmente, no temperamento ardente do poeta e nos constantes desvios do seu comportamento. Figura extraordinária, até no que tem de vivo e exemplar em relação a todos os homens.

Onde quer está um caminho...

Com efeito, a obra poética de Bocage exterioriza uma mensagem tanto mais válida quanto os anos a tornaram mais pertinente e verdadeira.

O homem, que se transvia e se julga imortal neste mundo, encontra na vida do poeta, por mais que isso pareça estranho, traduzido em sonetos magistrais, um caminho de arrependimento sereno e luminoso, depois de algumas loucuras e desatinos.

Toda a sua obra reflecte a alma torturada ou desvairada do artista.

Com grande razão se compara a Camões, não nas excelências da natureza e da inspiração, como humildemente confessa, mas antes nas amarguras que são, quase sempre, o pão negro dos poetas.

*«Camões, grande Camões, quão semelhante
acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
arrostar co' sacrílego gigante.*

.....
*Ludíbrio, como tu, da Sorte dura,
Meu fim demandando ao Céu, pela certeza,
De que só terei paz na sepultura:*

*Modelo meu tu és, mas... ó tristeza!
Se te imito nos transes da ventura,
Não te imito nos dons da Natureza.» (1)*

Soneto bem revelador da personalidade inquieta de Bocage.

Espírito cintilante que paira muito acima do comum dos mortais e que se encontra bem na companhia dos grandes próceres das Letras.

Camões serve-lhe de modelo! Se confessa humildemente o aquém a que se encontra do lídimo cantor dos «Lusíadas», nota-se, clara-

(1) RIMAS de M. M. Barbosa du Bocage, Tomo 1, 79, 3.^a edição, Lisboa MDCCCVI.

mente, através dos sonetos perfeitos, cheios de beleza e plenos de expressão poética, toda a altura estética de Bocage. Grande e dos maiores poetas portugueses!

Certo que reafirma constantemente, ao longo da sua obra, a sua incapacidade, estabelecendo comparações entre poemas seus de épocas diferentes. O poeta, conscientemente acredita na perfeição e sente que há no seu espírito uma evolução. Na verdade, quem não descobre em Bocage um sentido de constante aperfeiçoamento?... Ele mesmo, o deixa transparecer, nas afirmações que antecedem o 1.º tomo das suas RIMAS.

«Ainda que, a despeito da opinião de alguns, menos imparciais que invejosos, *julgo mui superior* a este o 11.º tomo das minhas poesias, reimprimo o inferior, para, confrontando com o outro, mostrar qual tem sido o progresso do meu Espírito nesta bela Arte a que me dei; e havendo substituído novas produções a várias que publicara por condescendência, espero que a reimpressão seja por isso mais grata ao Leitor.» (1)

Nesta nota, pujante de vida e cheia de intenção, revelam-se, sem dúvida, aspectos da personalidade de Bocage.

Bem sabemos que a sua personalidade de

(1) RIMAS de Manuel M. B. du Bocage, Tomo 1, Ao Leitor, 3.ª edição MDCCCVI.

artista foi prejudicada, sob certo aspecto, pela popularidade do seu nome. Todos sabemos como fica cara a popularidade... A deturpação ronda, quase sempre, os que são arrastados nas asas leves da fama...

Quantos o viram, apenas, como repentista, chocarreiro e irreverente!

Quantos o surpreenderam nos botequins, numa vida infrutuosa, permanentemente entregue à crítica deletéria, e, por vezes, eivada de heresia. Ele mesmo, em horas serenas da vida, pôde confessar seus desvarios e dar testemunho dum arrependimento nobre e sincero que é, do mesmo modo, revelador do quilate da sua personalidade a quem nunca foram estranhos os problemas religiosos. A odisséia da sua vida em terras metropolitanas ou ultramarinas, na Europa ou na Ásia, está difundida, em toada plangente, através de poemas imorredouros que vale bem a pena, nesta hora de evocação, meditar e sentir. Não se perca da observação mental o soneto 138:

*Minha alma quer lutar com meu tormento;
Contenda inútil! É por ele o fado
Apenas de oprimir-me está cansado
Eterna força lhe refaz o alento.*

*Mais vale que delire o pensamento,
Té góra co'a razão debalde armado,
É menos triste, menos duro estado
A Desesperação, que o Sofrimento.*

*A Desesperação soluça e chora,
A Desesperação mil ais desata,
Parte do mal nas queixas se evapora:*

*O Sofrimento azeda o que recata,
Prende suspiros, lágrimas devora,
Tiraniza, consome, e às vezes mata. (1)*

Itinerário amargo do poeta que vê na *desesperação* uma solução humana para o seu sofrimento. Visão lúgubre do que, embora por momentos, se deixa obnubilar das sombras resultantes de quem prescinde da Fé. São estados transitórios, dado o seu feitio movível e a sua ardentíssima sensibilidade.

São precisamente estas duas facetas do seu temperamento que o vão torturar nas suas ausências por terras de Goa, deixando, em sonetos amargos, todo o seu descontentamento, toda a melancolia do seu espírito, e, até, a íntima revolta contra os homens, contra as coisas e contra a Terra. Sangrante a sua alma se revela em sonetos cheios de aspereza e quase vingança. Para sempre ficará o seu doloroso descontentamento!

Não se pense, porém, que Bocage foi um

(1) RIMAS, 1 tomo, 138. RIMAS, 3 tomo, 135.

poeta superficial, ocasional, pois seria errada semelhante visão. Os seus epigramas, os seus famosos repentanismos, as suas torvas diatribes contra coisas sagradas, são, apenas, manifestações da sua personalidade plurifacetada. Com efeito, nota-se, na sua obra, uma profunda visão mental, sempre correlacionada a um pensamento orientador.

Bocage é, na verdade, um alto espírito que se desentranha, quer nas horas serenas de reflexão, quer nos momentos agitados e frenéticos da sua vida, numa riquíssima expressão de pensamento e de beleza.

Não se perde o tempo, quando se pretende entrar no âmago desta personalidade, recorrendo e analisando o soneto autobiográfico (e quais os não são?...) em que nos deu o seu retrato.

*Magro, de olhos azuis, carão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno;*

*Incapaz de assistir num só terreno
Mais propenso ao furor do que à ternura,
Bebendo em níveas mãos por taça escura
De zelos infernais letal veneno.*

*Devoto incensador de mil Deidades!
(Digo de moças mil) n'um só momento,
E sòmente no altar amando os frades;*

*Eis Bocage, em quem luz algum talento:
Sairam dele mesmo estas verdades
Num dia em que se achou mais pachorrento.*

Aqui está um retrato inteiro, na medida em que nos apresenta o aspecto físico, descontando-se sempre a ironia, e nos transparece o homem-artista, o poeta dos sonetos, das odes, das elegias e dos epigramas. Neste soneto, um mundo de extraordinárias vivências que se espelham, depois, na sua longa produção artística.

Nesta personalidade de artista que vimos analisando, embora «currente calamo», e sem a pretensão de tudo dizer, não devemos deixar de sublinhar o aspecto amoroso, tão profundamente dominante de toda a sua vastíssima obra poética. Com efeito, conforme afirmam seus biógrafos, cedo se apaixonou por Gertrudes, a celebrada Gertrúria de tantas das suas maravilhosas poesias.

*Da pérfida Gertrúria o juramento
Parece-me, que estou inda escutando,
E que inda ao som da voz suave, e brando
Encolhe as asas, de encantado, o vento.*

*No vasto, infatigável Pensamento
Os mimos da perjura estou notando...
Eis amor, eis as Graças, festejando
Dos ternos votos o feliz momento.*

*Mas ah! Da minha rápida alegria
Para que acendes mais as vivas cores,
Lisonjeiro pincel da fantasia?*

*Basta, cega paixão, loucos Amores;
Esqueçam-se os prazeres de algum dia,
Tão belos, tão duráveis como as flores. (1)*

Quanta amargura nestes e em outros versos que imortalizaram a que se dera em amor ao irmão, e, para sempre, deixara em ferida ardente o coração apaixonado de Bocage! É nestes versos, evocadores da amante, que transluz iniludivelmente a sensibilidade, ia escrever hiper-sensibilidade, de Elmano Sadino. Com efeito, nunca esconde o fogo que o queima e jamais usa de eufemismos quando na mente lhe despontam ideias e sentimentos de vingança e de rancor. Bocage não perdoa a perfídia e vergasta-a com o génio implacável da ironia e do seu talento feroso. Quando castiga implacavelmente com o látigo da crueldade não esconde, como grande sentimental que sempre se manifestou, a sua profunda melan-

(1) RIMAS de M. M. du Bocage, Tomo 1, 14.

colia, o fel que amargava na alma, a tortura íntima que rasgava o coração. O soneto 74, no Tomo 1 de 3.^a edição é bem significativo.

*Do Mandovi na margem reclinado
Chorei de balde minha negra Sina,
Qual o mísero vate de Corina,
Nas Tomítanas praias desterrado:*

*Mais duro fez ali meu duro Fado
Da vil calúnia a língua viperina,
Até que aos Mares da longínqua China
Fui por bravos tufões arremessado:*

*Atassalhou-me a Serpe, que devora
Tantos mil, perseguiu-me o grão Gigante,
Que no terrível Promontório mora:*

*Por bárbaros sertões gemi, vagante.
Falta-me inda o peor, falta-me agora
Ver Gertrúria nos braços de outro Amante.*

Realmente foi grande na dor, nessa dor que assalta a vida do homem e que faz dele ou um herói ou um vencido. Bocage, se não foi um herói no sentido pleno e total da palavra, não foi, do mesmo modo, um vencido. Foi, na verdade, um poeta amargurado que, transcorridos tantos dissabores, soube acordar para aquelas alturas que sempre lhe latejaram na alma.

O sentimento dominou a sua poesia, tor-

nando-se mais claro e nítido após desilusões e desgostos. Nesses momentos Bocage é realmente um poeta agudo, traduzindo ardentemente toda a sua angústia.

Não esqueçamos, no entanto, aqueles aspectos tão positivos da sua vida e da sua poesia. Horas cheias de equilíbrio mental, em que a alma ascende e o poeta vislumbra novos mundos de luz e de felicidade. Nessas horas adentra-se, cogitando no Destino e invocando seres sobrenaturais como necessário complemento dos seus anseios e das suas necessidades espirituais.

Ocupa, no seu pensamento, lugar proeminente, não só a Puríssima Conceição de Maria, como Deus.

*A Virgem será Mãe, vós dareis flores,
Brenhas intonsas, em remotos dias,
Porás fim, tôrva Guerra, a teus horrores.*

Valia bem a pena surpreender na obra de Bocage o aspecto religioso, desfazendo assim a ideia de que foi poeta anti-cristão e sempre a raiar pela heresia. Que bela cantata a que recitou na Academia de Belas Letras em Dezembro de 1792. Bem merecia ser transcrita se, na verdade, o espaço nos chegasse para tanto. Saboreiem-se, no entanto, estas pequeninas amostras:

*Oh, Virgem formosa,
Que domas o Inferno,
Creou-te ab aeterno
Quem tudo creou.*

*Ilesa notaste
Do Mundo o naufrágio
Da culpa o contágio
Por ti não lavrou.*

*Nas tuas virgineas
Entranhas sagradas,
Do Céu fecundadas,
O Verbo encarnou.*

*A grande vitória
Do Género humano
Contra esse tirano
De ti começou.*

*Depois de lograres
Triunfo completo,
Cumprindo o projecto,
Que o Céu meditou.*

Bocage manifestou largamente esta ânsia de sobrenatural e desabafou tantas vezes a ausência em que por vezes se encontrava. Deus ocupa no seu pensamento, quer duma forma metafísica, conforme a Ode à Existência de Deus, quer duma forma sensível e humana, um

lugar relevante. Citemos, para terminar esta brevíssima peregrinação ao longo da seara feracíssima do poeta Bocage, dois sonetos que, por si sós, são pelo conteúdo e pela forma, suficientes para consagrar uma vida artística.

*Meu ser evaporei na lida insana
do tropel das paixões que me arrastava.
Ah! cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
em mim quase imortal a essência humana!*

*De que inúmeros sóis a mente ufana
existência falaz me não dourava!
Mas eis sucumbe natureza escrava
ao mal que a vida em sua orgia dana.*

*Prazeres, sócios meus e meus tiranos,
esta alma, que sedenta em si não coube,
no abismo vos sumiu dos desenganos.*

*Deus, ó Deus!... Quando a morte à luz me roube,
ganhe um momento o que perderam anos:
saiba morrer o que viver não soube.*

* * *

*Já Bocage não sou!... À cova escura
meu estro vai parar, desfeito em vento...
Eu aos céus ultrajei! O meu tormento
leve me torne sempre a terra dura.*

*Conheço agora já quão vã figura
em prosa e verso fez meu louco intento,
Musa, tivera algum merecimento,
se um raio da razão seguisse pura.*

*Eu me arrependo; a língua quase fria
brade em alto pregão à mocidade,
que atrás do som fantástico corria:*

*Outro Aretino fui... A santidade
manchei!... Oh! Se me creste, gente ímpia,
rasga meus versos, crê na eternidade!*

Vale bem a pena, nesta hora de evocação e de consagração do poeta do Sado, percorrer a obra poética, tão vasta e tão variada, de Manuel Maria du Bocage.

Poeta de estirpe, onde sombras e luz se harmonizam na realização do artista.

Perante estes sonetos — autênticas maravilhas dum homem-artista — quem não sente o incentivo duma meditação profunda e frutuosa?... A alma do poeta, no crepúsculo da vida, ilumina de luz doce e suave todo um passado tenebroso e marcado de tragédia... Bocage, esse extraordinário vate português, está todo — em corpo e alma — nestes sonetos.

Por isso, não morreu para sempre... A sua poesia é estrela cintilante no firmamento da História... Ela anda na boca e no coração do nosso povo...

Vive, por isso, na nossa memória admirada e agradecida o Poeta que nasceu em Setúbal em 1765 e que a dois séculos de distância nos oferece uma obra cheia de frescura e de perfume para delícia do espírito. O ARTISTA é de sempre!...

dor de nomeada, conhecendo profundamente os segredos da tribuna que domina com muito brilho.

Exerce o magistério com reconhecido mérito e é autor de vários trabalhos.

Publicou o volume DEBRUÇADO SOBRE O EVANGELHO, que, no mesmo ano, se esgotou; em 1954 o notável ensaio O PROBLEMA DO HOMEM E A REALIDADE DIVINA que em 1962 saíu em 2.ª edição; em 1956 publicou NOSSA SENHORA DA FRANQUEIRA; em 1960 publicou SONHO E CERTEZA; PALAVRAS DE SAUDADE e ainda UM SONHO... UMA VIDA... UMA PRESENÇA... (conferência sobre o Infante D. Henrique); em 1964 OS BURROS NA ETNOGRAFIA (Um Romance em louvor dos «Asnos»).

O trabalho BRILHANDO AO SOL DA JUSTIÇA (Evocação breve dum Poeta...) é o contributo do escritor para as comemorações bocageanas.

biblioteca
municipal
barcelos



10566

Brilhando ao sol da Justiça